



# MANIFESTO ESCOLAS2030

O QUE NOS UNE?



## MANIFESTO ESCOLAS2030<sup>1</sup>

*A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição da República, Art. 205)*

*Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. (Paulo Freire, 1995).*

Vive tempos desafiadores quem ousa transformar a educação existente. O [Escolas2030](#) é um ponto de encontro para quem vem produzindo esforços no sentido de criar um novo modo de educar. Isto é, fazemos parte de um grupo de organizações educativas inovadoras.

Há muitas visões sobre inovação<sup>2</sup>, mas a entendemos como um processo de decisões articuladas com ações para mobilizar outras formas de fazer a educação. É algo muito além de implementar tecnologias digitais e está atrelada à ressignificação do próprio processo educacional, refazendo-se em nova conexão com as necessidades e anseios de estudantes e suas comunidades.

Nossa Carta Magna indica um caminho: uma visão integral e intersetorial da educação não é somente questão de opinião, mas sim questão de direitos. A garantia e a ampliação desses direitos são as lutas em que o Escolas2030 no Brasil decidiu se engajar. Trata-se da necessária iniciativa coletiva para efetivar, desde já, as condições para uma educação de qualidade, definida por nós como integral e transformadora. Iniciemos pela integralidade.

---

<sup>1</sup> Este texto reflete a multiplicidade de perspectivas educacionais presentes no coletivo-pesquisador do programa Escolas2030 no Brasil. Sua escrita deriva de um convite efetuado pela equipe coordenadora do programa, que identificou, em meados de 2021, a necessidade de ampliar o engajamento e de se pactuar os sentidos, princípios e práticas que unem pessoas e instituições tão diversas em uma iniciativa comum. O que aqui segue é o resultado desse esforço que, a partir da diferença, procura traçar os caminhos e malhas que enredam aqueles e aquelas diretamente envolvidas na luta por justiça social por meio da educação.

<sup>2</sup> Para maior aprofundamento neste tema, sugerimos a leitura do relatório "[Como organizações educativas inovam? ideias e visões sobre as suas práticas](#)", que analisa o modo como as organizações (escolares e não escolares) atuantes em áreas de vulnerabilidade social e participantes do programa Escolas2030 no Brasil lidam com o modelo da educação escolar convencional e vêm se aproximando de um ideal de inovação definido pelo Ministério da Educação e seguido pelo Movimento de Inovação na Educação (MIE) e pelo Escolas2030.

É integral porque, sendo contínua e permanente, ocorre em todos os ambientes nos quais as pessoas se relacionam e se desenvolvem. Ela abraça e colabora com as múltiplas dimensões da experiência humana (intelectual, política, econômica, física, afetiva, social e cultural) e integra os agentes e setores envolvidos em seus contextos históricos e territoriais em propostas compatíveis com estes.

Compreendemos a educação integral também como formação do ser humano autônomo, emancipado, capaz de se apropriar das variadas experiências culturais, sendo autor de sua individualidade e sujeito da coletividade. É uma estratégia que amplia a concepção de educação e abre espaço para o envolvimento e responsabilidade de toda a sociedade.

A instituição escolar costuma ser concebida como um lugar apartado do mundo e especializado em disseminar um conjunto de conhecimentos considerados universais, mas a formação integral depende de outros espaços de aprendizagem para ocorrer. Visa à valorização da cultura comunitária, considerando a diversidade dos saberes e pontos do território.

A exemplo da perspectiva da educação popular, trata-se de contribuir para a formação de sujeitos livres das opressões a que as classes populares estão submetidas. Os conteúdos tipicamente escolares continuam ocupando um lugar relevante no processo educativo, mas não serão vistos como única possibilidade de acesso aos diversos conhecimentos historicamente acumulados e a uma miríade de saberes ainda por se conformar.

Assim, temos a intenção de identificar e incorporar a dimensão educativa inerente à multiplicidade de experiências sociais: na convivência familiar, nos diversos grupos culturais e identitários, nos movimentos sociais e em outras relações e interações dos sujeitos com a comunidade e com o território. Ou seja, compreender a educação integral não somente como política de ampliação de tempos e espaços educativos, mas como estratégia de pensar em novas experiências de aprendizagem. Devemos vê-la no marco das ações intersetoriais e da articulação das instituições educativas com as comunidades nas quais estão inseridas. Concebê-la como trabalho em rede e como gestão participativa.

Vejamos agora nossa perspectiva sobre educação transformadora. É transformadora porque entende que todos e todas podem ser agentes de transformação positiva da sociedade. Concebe as organizações educativas como espaços privilegiados para proporcionar acontecimentos que contribuam para formar o senso de responsabilidade por si, pelos outros e pelo mundo.

Uma educação transformadora deverá reconhecer e construir saberes por meio da relação com a comunidade na qual está inserida. Os sujeitos possuem um modo de viver, ser, fazer, pensar e agir em seus territórios. Buscam-se, portanto, conexões com um amplo repertório de saberes relativos a situações e desafios concretos de estudantes e suas realidades: jogos e brincadeiras, narrativas locais, festas e celebrações, hábitos alimentares, linguagens artísticas, variados movimentos culturais, além da dinâmica dos movimentos sociais e de atuação política.

É também transformadora a educação que humaniza, libertando na medida em que os sujeitos lutam contra os processos de opressão impostos pelo atual modelo societário. Constrói saberes sem distanciar o educador do educando, considerando que ambos aprendem juntos enquanto lutam juntos para superar aqueles processos. Promove práticas voltadas para mobilizar estudantes a serem agentes de transformação social. Incentivam o respeito ao próximo e a valorização da pluralidade sociocultural e ambiental de nossos territórios.

Com esse direcionamento, visa superar o modelo convencional, rompendo com as certezas absolutas, evidenciando a transitoriedade do conhecimento. Consequentemente, requer a formação de professoras(es) de forma contínua e reflexiva, o que possibilitará uma persistente análise da prática e a reconstrução de saberes pertinentes às exigências da contemporaneidade.

Enfim, promover uma educação transformadora é tarefa árdua e diária, que envolve mudanças nas estruturas da instituição escolar e até mesmo nos processos de formação docente. É disso que estamos falando. É isso que estamos fazendo. Esse é o nosso enfrentamento coletivo. Não só futuro. Mas imediato!

O Escolas2030 no Brasil, por meio de suas ações, almeja mudar o enfoque em matéria de qualidade educacional, cujo entendimento é fortemente condicionado pelas políticas nacionais e internacionais de avaliação externa de larga escala. Embora relevantes, tais iniciativas colaboram com uma prática reducionista, distante da multiplicidade de experiências educacionais e limitada ao que é exigido em suas provas. É hora de expandir as fronteiras, afinal, há qualidades para além do IDEB-Índice de Desenvolvimento da Educação Básica e PISA-Programa Internacional de Avaliação de Estudantes. É hora de mudar as regras do jogo!

Sistemas de avaliação como esses se utilizam de provas padronizadas, cujos impactos no trabalho concreto de redes e comunidades educacionais ainda não contam com uma compreensão adequada. Essas avaliações externas, segundo visão estabelecida no coletivo-pesquisador do Escolas2030, desconsideram um conjunto importante de dimensões relacionadas à formação de um sujeito integral e transformador. Por isso, precisamos aprimorá-las, revisando suas atuais bases e propondo novas aprendizagens para renovar a visão de qualidade educacional mais arraigada no universo escolar e na opinião pública.

As organizações educativas integrantes do programa esforçam-se em situar cada estudante no centro de suas propostas pedagógicas, com atividades que buscam desenvolver seus diversos aspectos. Consideram, ainda, as especificidades de crianças, adolescentes, jovens e adultos. Porém, a tendência das avaliações externas é abstrair e se voltar a um ser humano genérico, privilegiando somente uma de suas facetas (a "cognitiva" ou "intelectual") em detrimento de outras fundamentais, que de forma interdependente contribuem para os processos de desenvolvimento.

Não se trata aqui de subestimar o campo intelectual. Tampouco de uma posição acusatória em relação às áreas de conhecimento privilegiadas no IDEB: literacia e numeracia. Os sistemas educativos devem contribuir com essas áreas, não temos dúvidas, porém, as avaliações externas precisam se dedicar a um universo maior de

aprendizagens. É necessária uma abertura para diferentes linguagens e experiências, sem preconceitos, para compreender e integrar os variados tipos de saber. É preciso abrir-se também aos diferentes modos de estar em uma organização educativa.

É urgente elaborar parâmetros de avaliação que contemplem a diversidade de aprendizagens de um sujeito integral e transformador. Para isso, o Escolas2030 oferece uma proposta relevante.

Em nosso coletivo já há instituições que experimentam mecanismos de avaliação participativos que contemplam uma maior variedade de aprendizagens. Comungam dos princípios da educação integral e transformadora, embora ainda sejam raras as práticas avaliativas sistematizadas coerentes com suas práticas pedagógicas.

As avaliações externas se situam naquilo que cada estudante pode “provar” que aprendeu e muitas vezes o que se avalia é um reflexo indireto das concepções educacionais das instituições responsáveis pela elaboração, correção e divulgação dos resultados das provas. São resultados classificatórios que geralmente não servem para evidenciar os esforços de professoras(es) e estudantes, nem para aprimorar as práticas pedagógicas. Proporcionam uma visão limitada sobre sucesso ou qualidade educacional.

Para renovar a ideia de qualidade precisamos, antes de tudo, considerar as instituições educacionais como organismos vivos em constante transformação. A relação cotidiana entre as diversas pessoas envolvidas na realidade educacional precisa ser levada a sério na elaboração de políticas de avaliação. Ou, como prefere Paulo Freire, uma escola que apaixonadamente diz sim à vida. Nossa aposta é que também as avaliações devem ser atentas à vida.

Queremos mudar o jogo, jogando com as principais jogadoras e jogadores: professoras(es), estudantes, gestoras(es) públicas(os) e demais pessoas e instituições implicadas na garantia e ampliação da educação integral e transformadora. Este Manifesto explicita o desejo deste coletivo e seus princípios: agir em comunhão no sentido de (re)inventar um novo modo de educar, de fazer políticas e pesquisas educacionais no país.

## CONTATO

INSTITUCIONAL

**ESCOLAS2030**

[contato@escolas2030.org.br](mailto:contato@escolas2030.org.br)